S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 1 de maio 1913 — ANNO XII — N. 189

Publica-se aos sabados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

A tutela fatal

Poderemos libertar-nos economicamente enquanto não tivermos lançado para bem longe de nós a crença de que paralá das nuvens existe um Deus, uma divindade qualquer que comina e guia todos os nossos actos?

Poderemos ser bons para com os nossos semelhantes enquanto nos fôr ministrada uma educação civil e religiosa toda baseada numa série de principios falsos, de actos absurdos uns, imorais e atrozes outros, como são os que nos ensina, por exemplo, a Biblia, o livro por excelencia dos tristes?

Não. Impossivel.

Sabemos que a origem de todas as religiões, a crença na existencia de um Deus foi o resultado de impressões recebidas pelos homens primitivos desde que o seu cerebro começou a raciocinar. Estas impressões vinham dos diversos fenomenos naturais que os cercavam.

Heliognosticos, isto é adoradores do sol, todos eles viam neste astro a divindade que dava a vida a todos os seres da terra.

Estava portanto creado o principio de opressão, o poder que através das idades até aos nossos dias a todos vem tiranizando.

Homens astutos e mais inteligentes foram-se apoderando pouco a pouco da confiança dos simples e formando castas sacerdotais á parte, acabando por enfeixar nas suas mãos todos os poderes. Uma vez isto conseguido, trataram de modificar as primitivas crenças, introduzindo-lhes novas formas, até darem á divindade uma conformação humana.

E' sob a tutela desta ultima que nos encontramos presentemente; assim no-la querem impor, embora ha muito já saibamos o que ela vale.

Porém a imensa maioria dos proletarios, ai de nós! não quiz ainda despregar os olhos do céu para olhar a terra e ver o que ela guarda para eles quando se decidirem conquista-la.

A Igreja catolica, a mais embrutecedora de quantas existem, procura e procurará manter o espirito de resignação que tantos beneficios lhe tem proporcionado.

Enganam-se todos aqueles que supõem estar livres do guante poderoso destes dois Deuses — Jeová e Capital, só por que não tiram o chapéu diante de uma igreja ou não dão — vossa excelencia — ao amo que os explora.

E' preciso não esquecer que não é impunemente que os interessados, desde que a nossa razão começa a despertar, vão propinando o toxico que nos hade envenena-la para sempre.

Que são estes actos de incoerencia tão a miudo observados entre aqueles que nos mereçiam, ás vezes, a maior confiança pela sua inteireza de caracter?

O resultado de uma cura imperfeita do mal; a volta ao vicio de que se julgavam libertos.

Todos os nossos esforços devem pois tender para que o homem se emancipe religiosa e economicamente, não podendo uma emancipação dispensar a outra.

O homem creou Deus á sua imagem; pode perfeitamente destrui-lo.

Adrecal.

Rio, 27 — IV — 1913.

O presente numero

A Lanterna sai esta semana com dois dias de antecipação para ser distribuida na data em que os trabalhadores entregam-se com entusiasmo á propaganda do ideal de emancipação social.

O conto da semana

TISICO

Tem oito anos. O pai está sem trabalho. A mãe vende fruta, pelas ruas. A irmã, uma rapariguita de catorze anos, está a servir, em Lisboa, — só pela comida...

São meus vizinhos os pais. E o pequenito, ás vezes, fica em minha casa, sob a guarda carinhosa de minha mãe.

Nunca o vi rir, nem correr, nem brincar, como as outras crianças. Assenta-se, sobre um tapete, e para ali fica, horas e horas, imovel, muito branco, muito magrinho, sempre calado, as finas mãosinhas de cera cruzadas sobre o colo, os grandes olhos negros e tristes fixos no chão, indiferente ás flores e aos brinquedos de que a nossa piedade o rodeia.

A mãe, outro dia, levou-o ao medico. Este auscultou-o, tomou-lhe o pulso, atentou-lhe na palidez mortal da carinha afilada e pronunciou a sua sentença. Estava tisico. E prescreveu, para logo, ares de mar, comidas substanciais, além de varios remedios...

Pobre mãe! Ares do mar, comidas substanciais, remedios, — quando ela mal tinha dinheiro para comprar um pão!

*

A's vezes, levo-o ao campo, a passear. As aves passam cantando alegremente sobre as nossas cabeças e as flores esplendem, tentadoras e lindas, ao alcance da nossa mão. E parece que nada ouve! E parece que nada vê — além do caminho que vai pisando!

De quando em vez, descansamos. Ele fica na sua atitude de sempre... E, olhando assim, fixamente, na paz da Natureza, o chão recamado de flores, parece esperar que lhe abram, ali mesmo, longe dos homens sem coração, a pequenina cova redentora...

José Bacelar.

Absurdos, crimes e imoralidades catolicas

II

ABSURDOS

Adão e Eva, depois de comerem o fruto proibido e de serem empulsos do Paraizo terreal (que é o Eden, em Saana, na Arabia Feliz), tiveram Abel e Caim, os primeiros descendentes. Assassinado Abel pelo invejoso Caim, este foi morar numa terra afastada, ao oriente do Eden, onde, — diz a Escritura Sagrada, — gerou muitos filhos e edificou a 1ª. cidade, á qual deu o nome de Henochia, em memoria do seu primogenito Henoch.

Com quem ele gerou esses muitos filhos é que não se pode saber, porque o que consta é que os unicos individuos até então existentes eram seus pais e ele!... Só se em Henochia nasceram outro Adão e outra Eva, ou se a sua mulher foi alguma... macaca. Nem pode subtender-se que essa mulher fosse alguma irmã dele, porque o outro filho de Adão e Eva foi Seth.

E com quem teria ele edificado aquela *cidade*, com que pedreiros e carapinas para fazer casas, se não consta haver outros homens? Só se foi depois, com os filhos, da imaginaria mãe que os pariu.

Interessante tambem é que, depois de cometido o fratricidio, Caim disse ao senhor (Genesis, cap. IV): — «O meu pecado é muito grande, para que eu possa alcançar o perdão. Eis ahi, me lanças tu hoje da face da terra, e eu irei esconder-me da tua face e andarei vagabundo e fugitivo na terra: todo o que pois me achar, matar-me-ha». E o Senhor lhe respondeu: — «Não será assim; antes, o que matar a Caim será castigado sete vezes mais». E lhe poz um sinal, para que não o matasse quem o encontrasse. Medo e precaução inutil; pois, como dissemos, não consta haver outros homens!

Diz a Biblia, tambem, que Seth procriou os «filhos de Deus». Com quem? com que mulher, se a unica que existia *oficialmente* era Eva? Só se foi com alguma filha imaginária do amaldiçoado Caim, ou com a suposta cunhada (mulher daquele irmão), ou então... com a mãe!

Este outro absurdo biblico, afinal, vem dar a entender que o monogenismo é uma burla, o que sendo verdade e racional é que a terra foi geralmente habitada ou povoada naquela época, como quer o poligenismo e o confirma a antropologia.

Outro absurdo é o «diluvio universal».

Deus, arrependido e envergonhado, por certo, de haver creado uma humanidade tão ruim como se manifestara desde o principio, resolveu afogar tudo, exceptuando apenas a Noé com sua familia e um casal de cada bicho. Sem, Cham e Japhet foram chamados então a repovoar a Europa, a Asia e a Africa, esquecendo-se Deus de repovoar tambem a America e a Oceania!

Sabe-se que o diluvio, ainda mesmo chovendo quarenta dias e quarenta noites, não podia ser mais do que parcial, e nunca universal; nem as aguas do mar podiam cobrir as mais altas montanhas.

Até hoje, por mais que tenha chovido, as aguas não teem feito mais do que transbordar os rios e inundar diversos lugares. Os vapores condensados na atmosfera pelos raios do sol não são capazes, pelo seu volume, de inundar a terra toda.

Alem disso, que arca foi aquela, tão grande, capaz de comportar um casal de cada animal terrestre, embora misturadamente, os domesticados com os bravios ou selvagens?! E dentro, com eles, a familia de Noé! Que operarios, naquele tempo, teriam habilitações para construi-la? E em que estaleiro?

Vê-se, porém, que a tal «arca de aliança» não passou de talvez alguma canôa, pela seguinte passagem, que consta tambem das Escrituras. Depois de ter andado de léu em léu, transportada para diversas partes, carregada aos ombros dos israelitas e transportada pelos filisteus, foi uma vez reenviada ao povo d'Israel, com dons expiatorios, e «colocada em um carro puchado por duas vacas» sem um guia, indo parar em Bethsames, cidade de Judá! (Livro dos Reis. cap. VI).

Como podia, pois, essa *canôa*, ou quando muito uma *barcaça*, conter em seu bordo a familia de Noé e um casal de todos os outros animais?

A senhora Biblia tem cada carapetão!

M. C.

Uma igreja nutritiva

Alguns esquimaus construiram, perto da bahia de Hudson, uma igreja com ossos de baleia. O templo podia conter oitenta pessoas e valeu aos constructores as felicitações do bispo.

Um domingo, porém, um grande bando de cães famintos devorou a Igreja!

Os materiais de construcção foram do pleno agrado dos pobres bichos, que foram com certeza mais do que trinta cães e um osso... O padre papava as hostias, mas as cães foram mais longe: paparam a igreja.

Que lhes preste, coitados!

ÉS LIVRE!

A emancipação! Sim, deu-se a liberdade aos servos, e Alexandre, tsar filantropo, foi admirado e gabado por todos os liberais europeus, como o fôra Catarina por Voltaire e Diderot. E, de facto, foi um magnifico ukase. Oh! magnanimidade imperial! Oh! desinteressada nobreza! Setenta milhões de servos, de golpe e sem mais aquela tornados livres!...

Mas escuta, louca que me interrogas:

Um homem tinha um cão. Utilizava-o em dar volta á roda de seu assador, em arrastar pequenos carros, em morder as patas das ovelhas que se apartavam do rebanho, e, em recompensa destes serviços, batia-lhe sem treguas, sem fim, com prazer. Ao menos, porém, dava-lhe de comer, comida mesquinha e repugnante, é verdade, mas comida, enfim.

Um dia o homem disse ao cão:

— Vai-te, sai daqui, és livre.

O cão perguntou:

— Para onde irei?

— E's livre!

— Que farei?

— E's livre!

— Que comerei?

— E's livre.

— Mas rebentarei de fome e sêde!

— Já te disse que és livre.

E desde então, seco e esqualido, a pele rugosa e salientes os ossos, o cão aí anda errante, faminto, mordendo o ar, devorando os proprios escrementos.

E'... livre!

E qualquer dia, amanhã, esta noite talvez o seu focinho deformado espantará os transeuntes, a não ser que o encontrem pelas planuras, com a febre no olhar, baba nos dentes, raivoso...

Oh! antes de morrer, oxalá enraiveça, — e que, enfim, este cão livre morda duma vez!

Catulle Mendés.



Os elementos da tirania fugindo á falange inovadora

O PRIMEIRO DE MAIO

Vem, ó Maio, saúdam-te os povos,
em ti colhem viril confiança;
vem trazer-nos cerulea bonança,
vem, ó Maio, trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
á campina onde a messe futura
já flori sobre as negras queimadas!

Desertai, ó falanges de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de tregua á fachina,
ó abelhas roubadas dos favos!

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo;
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas,

Sofrimentos, ideais, juventudes,
primaveras de turbido arcano,
verde Maio do genero humano,
dai coragem aos animos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos fixando o nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído.

—

Original italiano de Pedro Gori, para se cantar com a aria do côro da opera *Nabuco*, de Verdi.

1.º DE MAIO

Num fremente sacudir de energias e rompendo as fronteiras convencionais, a classe trabalhadora agita-se no dia de hoje de um extremo a outro da terra, bradando bem alto contra a opressão que a sujeita á miséria e patenteando a sua firme vontade de conquistar a sua completa emancipação social.

Ha quem, interessadamente, procure deturpar o verdadeiro significado da comemoração do 1.º de Maio, mas debalde se esforçam porque a sua origem diz bastante claramente o que ele representa na luta social.

E para que os nossos leitores ainda extranhos a este batalhar gigantesco possam se orientar a respeito, aqui vão os dados principais sobre a origem do 1.º de Maio.

⁂

De 1884 a 1886, as organizações operárias norte-americanas resolveram agir directamente para obter a jornada de 8 horas de trabalho. Durante 1885 houve, pelo menos, 250 boicotagens, mais de metade com bom exito. Assim, um teatro de Nova-York, severamente boicotado durante mais dum mês, cedeu por fim em tudo, e ainda teve que dar 400 dolars para a caixa dos desocupados, e, pelos mesmos motivos, foi o celebre e poderoso jornal *New-York Herald* obrigado a dar 500 dolars.

Foi então que, em seus congressos, as organizações operárias resolveram redobrar de actividade em favor das 8 horas, fixando no 1º. de maio de 1886 a data a partir da qual seria realizada a conquista.

Fez-se uma agitação febril, entusiastica, ardente. Espalharam-se inumeros jornais e manifestos, realizaram-se comicios sobre comicios, manifestações ruidosas, cortejos formidaveis, e em todos os cantos se viam cartazes, boletins, etiquetas, repetindo em todas as linguas, insistentemente, como uma obsessão, a vontade e o conselho de levar a cabo a conquista.

O impeto foi tal que, antes de 1º. de maio de 1886, os patrões já começavam a conceder as 8 horas, com o mesmo salario, é claro: antes daquela data mais de 30 mil trabalhadores viam satisfeita a sua reclamação. E na data fixada, mais de 200 mil operarios alcançaram as 8 horas de trabalho.

O movimento não foi limpo de sangue; atestam-no os oito propagandistas que em Chicago perderam a vida ou a liberdade, bodes expiatorios sobre os quais a burguesia fez cair o seu odio turvo, vingando neles, pelo suborno e pela falsidade, do que era acção e reivindicação de multidões.

A policia cometeu os maiores atropelos. Assim, no dia 4 de maio, realizava-se em Chicago um grande comicio de protesto contra as violencias da autoridade. A policia, porém, entendeu de atacar os manifestantes. Um pelotão de gendarmes avançou, cometendo todas as violencias. Mais de 80 pessoas do povo sucumbiram sob as armas da policia. Mas a burguesia não ficou satisfeita com isso. Preparou um processo contra aqueles que mais se destacaram no movimento. Processou-os, condenou-os: 3 a trabalhos forçados e 5 á pena de morte. Um destes suicidou-se. Os outros 4 foram executados na manhã de 11 de novembro de 1887. A burguesia respirou... Pois bem. Em 1893, o governador do Estado de Illinois levou a cabo uma revisão do processo. Resultado: todos aqueles 8 homens eram inocentes. Os 3 que estavam presos foram postos em liberdade. E os outros 5... ah! estes estavam mortos... não havia mais remedio.

Quando, em 1889 e 1890, os congressos socialistas propõem a manifestação universal do 1º. de maio, o proletariado aceita-a de boamente com o seu caracter reivindicativo.

Biblia vermelha

O cristianismo só préga servidão e dependencia; o seu espirito é demasiadamente favoravel á tirania para que esta não tire dele proveito sempre. Os verdadeiros cristãos são feitos para ser escravos.

Rousseau.

⁂

Quando a opressão é um facto, a rebelião é um direito.

Amilcare Cipriani.

⁂

Como pode ser livre o homem cuja existencia depende do capricho alheio?

C. Pisacane.

CAUTÉRIOS

XCIV

A marselhesa da fome

Eia, faminto, para a rua,
Formemos todos legião!
Nossa alma cheia d'odio estua,
Ruge feroz como um vulcão!

Chega o momento da vingança,
Basta de fome e de sofrer!
Com a submissão nada se alcança,
Tudo se alcança a combater!

Chega o momento da vindicta,
Vem teu direito reclamar!
Todo esse povo que se agita,
Todo é de irmãos, vai batalhar!

Vamos! A luta que te invida
Não é de iguais, não, contra iguais;
Não é a luta fratricida,
Que faz dos homens animais.

Não é a luta repelente
Que entre si fazem as nações,
Em benefício unicamente
Dos financeiros tubarões.

A nossa luta é santa e nobre,
E tão sagrada como o ideal.
E' a luta heroica e atroz do pobre
Contra a opressão do capital.

Todos seremos bons soldados,
Sem generais a dirigir;
Todos seremos compensados,
Quando a vitória nos sorrir!

Não são riquezas que queremos,
Que o oiro é o veneno mais atroz;
As honrarias desprezemos,
Que não há deuses entre nós.

A todos cabe igual direito,
Somos irmãos de igual valor;
Pois, com altivez neguemos preito
Ao que tornar-se ostentador.

Vamos! A luta que fascina,
Que para a rua nos atrai,
Não é a vil guerra assassina
Que a todo o canto lança um ai!

Escuta bem! Não ouves perto,
Da luta, o estrúgido viril?
Não vês que sopra do deserto
Um furacão torvo e febril?

Pois é a coitada raça humana
Que ora desperta e com altivez
Ergue-se numa raiva insana
Contra o inimigo, o vil burguês;

Pois é o simum da alta Justiça
Que vem varrer o mundo, enfim,
Das perversões e da injustiça
Que o fazem tam cruel assim...

Eia, faminto, se tens fome,
Se estás cansado de sofrer;
Se a tirania te consome
As alegrias do viver,

Ergue-te e vem! Torna-te um bravo,
Pelo Ideal luta também!
Enquanto fores um escravo
Sómente és digno de desdêm!

Beato da Silva.

A REVOLUÇÃO

A revolução tem um inimigo implacavel: a sociedade velha; como o cirurgião tem o seu: a gangrena.

A revolução estirpa tudo que é tirania e tudo o que é tirano.

A operação é espantosa, cruenta; porêm a revolução a pratica com mão segura.

Quanto á quantidade sã de sangue que sacrifica, pedi a Boerhave o seu parecer.

Que tumor póde cortar-se sem que produza pérca de sangue?

Que fogo póde extinguir-se sem que o incendio devore sua parte?

Estas necessidades terriveis são condições precisas do exito.

Um cirurgião tem algo de parecido com um carniceiro, o que póde oferecer as aparenças de um verdugo,

A revolução se consagra á sua obra fatal.

Mutila, porêm salva.

Que! Lhe pedis perdão para o virus?

Quereis que seja clemente com o que é venenoso?

Pois não vos atenderá: apoderou-se do passado e acabará com ele.

Faz á civilização uma incisão profunda, donde brotará a saude do genero humano.

Sofrestes sem duvida, porêm quanto durará o sofrimento?

O tempo que depure a operação. Depois vivereis.

A revolução amputa a sociedade, originando a hemorragia que se chama FELICIDADE HUMANA.

Victor Hugo.

COLABORANDO...

A IGREJA BRASILEIRA

> Antes que a questão social e a questão politica, está a questão religiosa que tudo obstrue; jamais conseguiremos dar um passo para a frente se não começarmos por abater a Igreja corruptora, envenenadora, assassina.
>
> E. ZOLA

Por informações que nos foram fornecidas pelos ultimos jornais, sabemos que o padre Amorim Correia, vigario de Itapira, acaba de abjurar o catolicismo apostolico romano, fundando uma Igreja Brasileira, desembaraçada e livre da odiosa tutela do gotoso Pio X.

Essas informações, noticiadas pela imprensa, á primeira vista, parecem não ter grande importancia, principalmente para aqueles que infelizmente ainda se acham escravizados pelos preconceitos religiosos e amarrados ao pelourinho infamante dos dogmas inconsequentes de uma religião apodrecida; revestem-se entretanto da mais transcendente oportunidade, pelas sérias apreensões que vai causar ás hostes clericais, no conjunto dessas aves do mal, constituido por padres, frades, bispos, conegos, monsenhores, «truculenta manada obesa de hipopótamos», na frase do extraordinario Guerra Junqueiro.

Como é sabido e está na consciencia de todos os homens livres, de todos os que não se deixam facilmente agarrar pelos hediondos tentaculos do polvo romano; a Igreja não podendo mais arrastar a seus pés reis e imperadores, para se rojarem servilmente nas sandalias do pseudo e hipocrita sucessor de S. Pedro, dominando pelo terror os governos constituidos, lançando mão da fogueira e da excomunhão, como fazia nos *bons tempos* da idade media; vendo-se desprestigiada e reduzida á impotencia, pelos golpes sucessivos que lhe vai descarregando o Livre-pensamento, ao mesmo tempo que a sciencia vai levantando com a ponta do escalpelo o véu que encobre os textos biblicos e mostrando á luz meridiana que a impostura, a mentira, o cinismo e a espertesa são as armas prediletas com que o catolicismo procura impor-se ás massas ignorantes e retrogradas; repelida pela propria batina insubordinada, que não quer mais acompanha-la nessa feira de saltimbancos; diante da significativa rebelião e da justa indisciplina de um seu ministro, não podendo subjuga-lo pela força bruta, aplicando-lhe as torturas inquisitoriais, a Igreja furiosa e possessa «fulmina» com a excomunhão o padre Amorim Correia, por intermedio do bispo de Campinas, d. João Nery.

Este ultimo bem compreende que uma excomunhão na actualidade, isto é, no seculo XX, só serve para provocar o riso nas crianças, mas põe em pratica essa medida galhofeira, julgando que a mesma produza algum efeito no arguto espirito publico, quando na realidade só serve para mais ridicularizar os representantes dessa eterna palhaçada. Muito embora no Vaticano, seja o acto do bispo de Campinas, ratificado no *Silabus*, levando o nome do ex-vigario de Itapira para o *Index*, nem por isso deixa o patriarca da Igreja Brasileira de estar recebendo de toda parte sinceras felicitações e merecidos aplausos, pelo modo digficante e nobre com que soube repelir as impertinentes e inoportunas imposições diocesanas.

Pertencemos ao numero daqueles que professam ideias tibertarias e acompanham passo a passo os progressos que a sociedade vai fazendo em todas as actividades empreendedoras e em todos os ramos do saber humano. Portanto é ocioso dizer que somos inimigos implacaveis dessa religião cujo Deus é o dinheiro, o dinheiro e sempre o dinheiro. A Igreja e os argentarios, o clero e os capitalistas, esse infame e poderoso *trust* que absorve gota a gota o sangue proletario, representa o monstro horrivel que, de fauces hiantes, não se satisfaz de tragar o povo no seu trabalho insano e nas suas miseras economias. Não sabemos ainda quais os fundamentos da Igreja Brasileira e ignoramos em que bases ela vai se firmar para impor o seu prestigio e fazer valer a sua autoridade.

Por enquanto só estamos informados de que Amorim Correia provocou uma separação e que o Scisma estabeleceu-se com a denominação de «Igreja Brasileira Livre». Livre de que? Da tutela do papa dizem os jornais. Mas não é só por esse lado qne ela precisa emancipar-se; cumpre que a igreja brasileira destrua os dogmas abominaveis e aberrativos para o raciocinio, começando imediatamente pela confissão.

Derribar por terra o confissionario, esse antro de imoralidades, deveria ser um dos primeiros cuidados da nova reforma religiosa; não admitir em sua agremiação jesuitas estrangeiros como esses que são expulsos de Portugal e das Filipinas, e que constituem os elementos mais perigosos para a sociedade, para a familia e para as nossas instituições.

Dessa forma o padre Amorim Correia teria feito uma verdadeira e utilissima autopsia no cadaver putrefacto do Catolicismo romano, saneando moralmente uma religião prostituida pelos abusos e pelos crimes que tem cometido. Belén Sarraga, a notavel livre-pensadora espanhola, referindo-se a esses crimes disse esta grande verdade: «desde o alvorecer da éra cristã até nossos dias, através de muitos seculos decorridos, a Igreja tem sido o cúmulo incessante da imoralidade, da mentira, de estupros, de delictos monstruosos e infames».

Reflicta bem em tudo isso, reverendissimo padre Amorim: não esqueças os delictos dessa grande criminosa, a Igreja; trata quanto antes de cumprir com a lei natural acabando com o celibato que é contrario á razão e ao bom senso. Deixa crescer o bigode; lança para longe de ti essas vestes carnavalescas e apaga esse zéro que tens como distintivo no alto da cabeça. E' assim que compreendemos a Igreja Brasileira; é assim que ela se adaptará com o ateismo do seculo.

Se trilhares essa vereda, poderás desde já contar com os nossos aplausos, muito embora as nossas ideias sejam diametralmente opostas, pois nos o que queremos é que os padres cumpram com a lei natural associando-se ao trabalho honesto; queremos tambem — e isso teremos que conseguir — a morte dos dogmas que trará como consequencia inevitavel a ruina e portanto a quéda desastrosa do Vaticano.

Claudio Frolo

Xiririca, março de 1913.

O povo contra o regimen da fome

A manifestação nacional promovida pela C. O. B. para protestar contra a exploração de que é vitima o povo, teve grande repercussão — Em S. Paulo a agitação continuará — O que vai fazer a Liga.

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida realizará mais uma reunião do seu comité e dos sub-comités dos arrabaldes, no proximo sabado, 3 do corrente, ás 7 e 1|2 horas da noite, no local do costume.

Nessa reunião vão ser tomadas todas as deliberações tendentes a garantir o bom exito da

Agitação dos inquilinos

que a Liga vinha preparando com os comicios realizados nos diversos arrabaldes desta capital.

Não podendo o povo esperar o menor auxilio dos vampiros do governo estadual ou municipal, que só pela força fazem algumas concessões, só a pressão directamente feita contra o senhorio e sublocatario trará um resultado pratico aos esforços até agora empregados.

A agitação dos inquilinos terá por fim conseguir abatimento de uns tantos por cento nos alugueis, 40 ou 50 °|o, por exemplo. Para a levar a cabo a Liga formará comissões de inquilinos em cada quarteirão, reunidos nos sub-comités dos arrabaldes, que por sua vez estarão ligados ao comité central.

A Liga remeterá depois a cada proprietario de casa, em nome dos seus inquilinos associados, uma circular reclamando o rebaixamento indicado e marcando-lhes o praso que se vai determinar.

Vai ser distribuido um boletim dirigido aos inquilinos com todas as indicações necessarias.

Em Santos

Apesar do regimen de terror de algum tempo implantado nesta cidade pelas czarescas autoridades policiais ao serviço dos argentarios, o operariado organizado não deixou de atender ao apelo da C. O. B.

Com grande concorrencia foi realizado no dia 20 do mez findo um comicio na Praça Teles, falando diversos oradores sobre as causas da carestia da vida que atormenta o povo e demonstrando a necessidade da organização dos trabalhadores em sindicatos de resistencia para se oporem com vantagem á exploração dos monopolizadores das riquezas sociais.

Vibrantes aplausos e energicos brados de protesto contra os ladrões do povo cobriram as palavras dos oradores, o ultimo dos quais encerrou o animado meeting concitando o povo a proseguir corajosamente na luta pela defesa e conquista dos seus direitos.

No Rio

o comicio foi realizado pela Federação Operaria, de acordo com a C. O. B., ás 4 horas da tarde, no largo de S. Francisco.

A's 3 e 1|2 horas da tarde sairam as associações operarias da séde geral, á rua General Camara, 335, formando uma grande coluna que, acompanhada de bandeiras e cartazes e ao som da *Internacional* entrou no largo acima indicado por entre os aplausos do povo ali reunido.

Depois de falarem os companheiros Cecilio Vilar, Antonio Moreira, Candido Costa e Pedro Matera, voltou o povo, em imponente manifestação, até á séde da rua General Camara, onde ainda falaram varios oradores, que acentuaram com clareza as causas da carestia da vida e a necessidade premente da união dos trabalhadores para resistirem a essas crises enquanto não conseguem libertar-se da escravidão economica.

A lei Gordo encontrou geral repulsão no povo, que em constantes brados lançava o seu protesto contra esse infame atentado á liberdade de consciencia.

Em Juiz de Fóra

teve lugar, no mesmo dia indicado pela C. O. B., um concorrido comicio promovido pela União Operaria.

Falaram alguns companheiros sobre a carestia da vida e a lei de expulsão, aprovando por fim, com os gerais aplausos do povo, as duas moções da C. O. B.

Em Machado (Minas)

Atendendo ao apelo da Confederação Operaria Brasileira, a Liga Operaria desta cidade tambem realizou o seu protesto publico contra a carestia da vida e a scelerada lei de expulsão de estrangeiros.

O comicio levado a efeito no dia 20 de abril findo foi bastante concorrido, percorrendo depois o povo diversas ruas do lugar, dando vivas á liberdade, ao livre-pensamento e abaixos á infame e vergonhosa lei do Adolfo Gordo e á exploração dos açambarcadores.

Para tornar bem publico o seu energico protesto o povo foi até á redacção do simpatico orgão local *A Liberdade*, onde os seus brados de indignação se fizeram ouvir ainda com maior veemencia.

Foram depois percorridas as praças Floriano Peixoto e Municipal e as principais ruas da cidade, dissolvendo-se depois a animada manifestação por entre os gritos de protesto contra a sicaria lei de arrocho.

Os companheiros da novel e activa Liga Operaria de Machado puzeram bem em evidencia quanto se pode fazer em beneficio da propaganda, quando a boa vontade a todos anima.

O nosso abraço de felicitações.

Em Pelotas

Nesta cidade do R. G. do Sul foi, na data já mencionada, realizado um grande comicio, promovido pela Liga Operaria e ao qual compareceram mais de 2000 pessoas, que, com veemencia, acompanharam os oradores no seu protesto contra a carestia da vida e a lei de expulsão.

As duas moções da C. O. B. tratando dessas questões e que os nossos leitores já conhecem, foram aprovadas por uma entusiastica aclamação da massa popular.

Em Maceió

Na capital de Alagoas tambem encontrou eco o apelo da C. O. B.

Promovida pelas associações operarias locais, realizou-se no dia 20, em Maceió, um animado comicio, no qual falaram os companheiros que estão á frente da propaganda.

Nessa reunião, pela voz dos oradores e do povo protestou-se com energia contra os exploradores do trabalho alheio e tambem contra a monstruosa lei de expulsão de operarios.

***

A Confederação Operaria Brasileira, a importante agremiação nacional dos trabalhadores do Brasil, tendo conhecimento das violencias praticadas pela policia paulista pelas comunicações que daqui lhe foram feitas, telegrafou no dia 20 á Liga Popular Contra a Carestia da Vida, protestando contra os atentados cometidos contra a liberdade de reunião e patenteando-lhe a sua solidariedade.

Castigo de Deus

Apavorado e triunfante, um jornaliquete clerical que há pouco surgiu nesta cidade, e que é uma espécie de bomba aspirante posta habilmente nos bolsos dos carolas apatacados e manobrada por uns pobres coitados faltos de ideias e fartos de planos de «cavação», noticiou este caso hiper-miraculoso: Um ateu duma aldeiola de Portugal, discutindo com um freguez qualquer, divinamente devoto, sobre a existencia de Deus, teve o mau-gosto de desafiar os poderes celestes a lhe colocarem chifres na testa. Pois, dito e feito! No dia seguinte, ou talvez mesmo daí a momentos, o desassisado do incrédulo estava sofrivelmente servido com um bom par de cornos!

Pára aí a narrativa do supracitado jornaliquete clerical. Não nos diz êle mais nada, fugindo mesmo aos comentários, por os julgar supérfluos. O facto em si já era bastantemente elucidativo.

Nós porêm, que nos orgulhamos de pertencer ás aguerridas e incontentaveis hostes de Satanaz, terriveis adversárias das legiões querubinicas do Eterno, diante duma tam solene vitória do céu, ficamos sem saber o que fazer, qual o partido por que devemos optar nessa confundidora emergencia. Estamos como certos politicos da actualidade em frente da questão das candidaturas presidenciais... Não sabemos se devemos continuar adorando o legendário principe das Trevas ou se devemos repudiá-lo em troca do velhusco e poderoso distribuidor de chifres.

E' com essa indicisão de animo que vimos pedir ao pessoal da folha cheira-padres que nos tire umas duvidazinhas da cachola. Segundo parece, o seu intuito é salvar do inferno as almas condenadas. Urge portanto que nos salve a nós, que estamos por um triz a cair nos braços de Satan. A crosta de pecados que nos cobre, se mais demora, se tornará impenetravel... Agora, para evitar a nossa perda, com o que, com certeza, a Igreja perderá mais do que nós, perderá um freguez, é unicamente preciso que a piedosa folha nos informe duma minucia, desastradamente esquecida, do milagre edificante com que Deus provou a sua existencia e o seu poderio ao mal-aventurado hereje.

Simplesmente perguntamos se a vítima dos celestiais chifres era casada ou solteira. Porque Satanaz nos diz, com o seu seductor e brejeiro sorriso, que aos homens casados costumam nascer repentinamente os córneos adornos, sem que isso até hoje, que lhe conste, constitua coisa extraordinaria. Citou-me o exemplo mitologico de Vulcano e o biblico de S. José. Os poetas pagãos e os santos doutores da Igreja não mencionam os seus chifres. E eles incontestavelmente os tiveram! Isso porêm representa uma particularidade tam banal, tam comum na vida dos homens, em todos os tempos e idades, que os historiografos a teem desdenhado...

Depois, desse facto de terem nascido os chifres num ateu, não podem cantar vitoria os crentes fieis da Igreja de Cristo, porque as mais das vezes a religiosidade excessiva contribue para a proliferação das temidas excrescencias. Haja vista o caso recente do dedicado sacristão da freguesia de S. José do R. Preto, tratado no n. 184 da *Lanterna*. A esse foi a demasiada crença em Deus e a excessiva confiança no seu vigário, ministro de Deus na terra, o que fizeram brotar-lhe na testa as protuberancias caracteristicas. Como este, muitos e muitos factos poderiamos ainda mencionar.

Nascer chifres, porêm, em homem solteiro, isso sim é que nunca vimos e é o que reputamos impossivel. Alguem definiu o milagre, admitido este, como a derrogação das leis naturais. Ora, é vulgarissimo, e portanto não se pode considerar como uma infracção das leis celestiais, o facto de nascerem os enfeites dos toiros nos homens que teem mulher. Principalmente quando a mulher é freguesa assidua do confessionario...

Portanto, se o jornaliquete clerical que nos deu, espavorido e vanglorioso, a nova de ter o sr. Deus, para provar a sua real existencia, posto um par de belos chifres num renintente ateu, nos puder provar que a mal-aventurada vítima da potencia celeste não tinha mulher, só então, renegaremos as nossas ideias diabolicas e iremos, contritos e humildes, pedir ingresso na catolicissima Legião de S. Pedro. E S. Cornelio será, desde estão, o santo de nosso culto.

João Eduardo

A "LANTERNA" DIARIA

Como dissemos no nosso numero passado, já iniciámos os trabalhos para a transformação da Lanterna *em diario.*

Por isso estamos fazendo a arrecadação do capital subscrito.

Estão, portanto, avisados os companheiros e amigos que tomaram compromissos das nossas acções.

Apressem-se todos, pois desejamos, e é preciso que a Lanterna *inicie a sua publicação diaria dentro do mais breve tempo possivel.*

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

São convidados todos os srs. associados a comparecer á assembleia geral que terá lugar quinta-feira, 8 do corrente, ás 8 horas da noite.

Pela directoria, CARLOS A. DE LACERDA, 1.º secretario.

O CANTO DOS OPERARIOS

Neste inferno proletario
vossa vida se consome,
ó escravos do salario,
açoitados pela fome:

Não é livre quem depende
de potentes monstros d'aço.
Não é livre quem se vende,
só dispondo do seu braço.

Vossos braços,
fortes laços
sempre vivos,
enlaçai!
Vida! vida
decidida!
Eia, uni-vos!
Despertai!

Desprezados,
embalados
na esperança,
ficais sós!
Luta! Luta
resoluta!
Confiança
só em vós!

Tu és sangue, liberdade!
Liberdade, tu és vida,
Mas mentira, falsidade,
quando aos pobres concedida.

Liberdade e alegria
ao trabalho fecundante!
Seja a terra que nos cria
para todos bôa amante!

Vossos braços, etc.

Nossas penas, nossas dôres
dão riqueza cumulada.
Nem escravos, nem senhores,
sobre a Terra libertada!

Homens todos, produzamos,
nas cidades e nas minas!
Comuns sejam — não dos amos —
campos, frutos, oficinas!

Vossos braços, etc.

Tudo, tudo produzimos;
mas dispersos, nada temos!
Separados, sucumbimos;
só unidos, venceremos!

Um só corpo, produtores,
desde os velhos ás crianças:
nossas forças, nossas flores,
nossas ternas esperanças.

Vossos braços, etc.

Liberdade! bem querido,
irmã gemea da igualdade!
Só comtigo tem nascido
entre os homens a verdade!

Liberdade, mãi da vida!
Na igualdade tens alento.
Só teu seio tem guarida
ao fraterno sentimento!

Vossos braços,
fortes laços
sempre vivos,
enlaçai!
Vida! vida
decidida!
Eia, uni-vos!
Despertai!

Desprezados,
embalados
na esperança,
ficais sós!
Luta! Luta
resoluta!
Confiança
só em vós!

Os politicos

Poucas semanas antes da eleição presidencial em França, o clerical conde de Mun foi ter com Poincaré para lhe dizer:

— Em que situação estais, quanto ao vosso casamento, em face da nossa Igreja? Não posso votar por vós se...

— Podeis estar tranquilo, interrompeu Poincaré. Tudo foi feito regularmente.

E Poincaré teve os votos dos clericais, e de muitos anticlericais politicos, tanto mais que o seu casamento religioso não consta dos registos paroquiais e deve ter sido feito por um padre em casa dele ou pelo papa directamente, tudo à socapa, para evitar o escandalo, para enganar a todos...

E ainda ha anticlericais que se fiam nos políticos e no seu anticlericalismo!

JUBERT E ADOLFO ANTA

Adolfo Anta ainda continua na Detenção do Rio sem que ao menos lhe digam porque está preso.

E já são passados quatros meses da sua prisão em Santos.

Até quanto durará esta infamia?

***

De Joseph Jubert nada se sabe até agora.

Correm sobre o seu paradeiro os mais desencontrados boatos. Em Sorocaba chega-se a afirmar que alguem bem informada disse estar ele na Ilha dos Porcos.

Para se conseguir obter uma informação exacta a seu respeito, o nosso amigo Benjamin Mota vai requerer um habeas-corpus.

O 1.º DE MAIO

Salve 1.º de Maio! A' luta que simbolizas fogem, espavoridos, os abutres sociais, ante o avançar dessa falange de bravos que, cheia de ardor pela luta, plena de esperanças novas, aí vem caminhando triunfalmente, enfrentando todas as tiranias, vencendo a negra miseria, em busca desse amanhã radiante que estabelecerá sobre a terra, transformada numa imensa e bela patria, o esplendoroso regimen da completa harmonia entre homens irmanados, moral e materialmente, numa feliz e universal familia.

Em S. Paulo — Na noite de hontem, realizou-se no Salão Celso Garcia a testa de propaganda promovida pelo Grupo Germinal.

— Realizar-se-ão hoje duas grandes sessões de propaganda e uma passeata pela cidade.

A's 9 horas da manhã realizar-se-á a primeira reunião no Salão Celso Garcia. A União dos Canteiros, que a promove, reunirá os seus socios no largo Riachuelo, saindo de lá, encorporados, seguidos de sua bandeira e de uma banda de musica, para percorrer o centro da cidade antes de ir para o salão, onde diversos companheiros falarão sobre a questão operaria.

A outra reunião, promovida pelos sindicatos operarios de acordo com o C. de E. S. Francisco Ferrer, será realizada no Salão Alhambra, na rua Marechal Deodoro, 2, ás 6 horas da tarde, devendo nela falar varios companheiros.

Convocando estes comicios e demonstrando qual é o caracter do 1º. de maio, foram distribuidos dois bons boletins, um da União dos Canteiros e outro dos sindicatos de acordo com o C. de E. S. F. Ferrer.

A União dos Canteiros distribuiu tambem mais um numero do seu orgam — *O Operario Canteiro.*

Em Santos — A Federação Operaria realizou uma grande festa de propaganda no Coliseu. Foi representado o empolgante drama social *O exemplo*. Um companheiro realizou uma conferencia.

Hoje a Federação realizará novos actos de propaganda.

Em Jahú — O Centro Operario realizará uma grande reunião de propaganda, na qual o companheiro João Penteado fará uma conferencia sobre a data e a questão operaria.

Em Cravinhos — Nesta cidade tambem se comemorará devidamente o 1.º de Maio.

Na reunião de propaganda promovida pela Liga Operaria um companheiro fará uma conferencia sobre o movimento operario e a questão social.

Em Ribeirão Preto — Nesta cidade o Centro Operario da clericanalha promoverá uma palhaçada com a qual pretende desvirtuar o verdadeiro caracter do 1.º de Maio e chamar a si os trabalhadores.

Que fará a Liga Operaria sindicalista para neutralizar essa acção deleteria á nossa causa?

Agirá com actividade, por certo. Assim o esperam todos os trabalhadores conscientes.

Da palhaçada clerical nos ocuparemos em outro numero.

No Rio — Promovido pela Federação Operaria realizar-se-á um comicio no Largo de S. Francisco, ás 4 horas da tarde, ao qual comparecerão todas as sociedades federadas.

A' noite realizar-se-á uma sessão de propaganda na séde da Liga Anticlerical, á rua Marechal Floriano Peixoto, 118, e outras reuniões no centro, e pelos arrabaldes, promovidas pela Federação e outras sociedades, além de outros actos de propaganda que serão realizados durante o dia.

A Federação Operaria distribuiu um bom manifesto e a C. O. B. um esplendido numero especial da *Voz do Trabalhador.*

— Na noite de hontem realizou-se, no Centro Galego, o espetaculo de propaganda promovido pelo Grupo Dramatico Anticlerical.

Em Belo Horizonte — Na capital mineira o 1º de Maio terá este ano uma comemoração condigna.

O Centro Operario Sindicalista realizará ali um grande reunião, na qual falará o companheiro Carlos Dias, delegado da Confederação Operaria Brasileira.

Em Petropolis — O Centro Operario 1º de Maio desta cidade fluminense tambem realizará uma reunião de propaganda. O companheiro Leal Junior, delegado da C. O. B., fará uma conferencia.

Em outras cidades — Em muitas outras cidades o 1º de Maio terá este ano a sua devida comemoração.

Daremos noticia do que nos informarem.



O Evangelista

Mostram-me um compatriota, sentado sobre uma pilha de bagagens, diante dum *steamer* a partir. E' um missionario. Barbudo, de botas, com uma cilha de couro, com um prematuro capacete colonial, a sotaina gordurosa e arregaçada como um capote de soldado, ele se inicia no mecanismo dum revólver Browning, cujo estojo, na cintura, está pendurado ao lado dum rosario de grossas contas. A sua figura bronzeada é energica, os seus olhos risonhos são muito doces. Quando ri, abre uma boca de escorbutico, negra e sem dentes. Um tipo desbocado, seguramente, e que tem antes o aspecto dum bandido que dum apostolo... Isto me tranquiliza. Chego-me a ele. Conversamos. Ele parte para as ilhas Fidji... e leva comsigo todo um carregamento de gramofones.

— O sr. não imagina, diz-me ele, como aqueles negros lá são tapados, testarudos!... E' curioso... não ha meio de os evangelizar... Eu tenho tentado tudo... Nada... nada se arranja... São umas paredes... O bom Deus, a Virgem, S. José, as venturas do Paraizo? Ah! pois sim... Pouco se importam eles com isso... o sr. não faz ideia... Eu tenho visto muitos negros, na minha vida... muitos negros... mas daquela especie... jamais... Creia o sr. que só com o alcool... E Deus sabe, no entanto, se é este um excelente método de conversão!... Ah! por Jesus, eles se embebedam como porcos... E depois, um ponto, que é tudo. Malcriados como eles só. E' inaudito, sabe?... é mesmo unico. Daí esta tentativa; eu vou ensaiar o gramofone, não ha outro remedio!... Afinal, que é que eu arrisco? Parece, de resto, que o gramofone opera verdadeiros milagres... Eu tenho um amigo, na Africa, que se saiu maravilhosamente bem com o gramofone... E fica-se livre de aborrecimentos, de fadigas... dispensa-se a catequização... Juntam-se os negros em volta do instrumento e ao cabo da terceira placa, pronto... eles estão cristãos. A graça divina, essa lhes vem enquanto escutam cantar o gramofone... Ah! ah! ah!... Mas isto não me espanta muito... Eu observei sempre que os negros são apaixonados pela musica e pelas canções. Enfim, eu vou ver se serei mais feliz com as marchas militares da guarda republicana, as valsas de Strauss, as cançonetas da Ivette Guilbert, e o *bel canto* do sr. Caruso, do que com o bom Deus, a promessa do Paraizo, e os calices de rhum. Em todo o caso...

E desatou a rir dum riso franco, sonoro:

— Em todo o caso, continuou ele, eu não tornarei mais para lá, por coisa nenhuma... E dou-lhe a minha palavra de honra que, se eu não conseguir converte-los... e mesmo se conseguir... ora essa!... ah! ah!... eles hão-de me pagar estes gramofones, e por um preço... ah! ah!... por um preço bem salgado... E eu nada arrisco! Estes mil gramofones que levo, eu os devo á generosidade duma velha ricaça muito piedosa... Ah! a boa mulher, a santa mulher!...

Colocando o revólver no estojo, e balançando o rosario onde as cruzes, os corações de Jesus, as medalhas bemditas se entrechocavam, ele concluiu:

— E' uma felicidade que de tempos a tempos encontremos dessas almas generosas, dessas almas assim... porque a religião, nestes tempos... veja o sr... está se tornando uma profissão... ah! caramba... uma profissão bem sordida! Enfim, veja o sr....

Octave Mirbeau

EM FRANÇA

A Igreja e o serviço militar por três anos

Julgamos interessante transcrever do *Courrier Européen* o seguinte artigo de Eugenio Saillard, director do *Petit Manceau*:

«Apesar do golpe vibrado em 1905 aos seminarios pela igualdade dos encargos militares, o clero faz-se propagandista activo do regresso ao longo serviço militar.

A Igreja, que nem sempre foi terna para os homens de armas, põe hoje neles com razão a sua esperança.

Para ninguem é, com efeito, um misterio que o exercito profissional é em 1913 muito mais clerical do que no Imperio ou antes de 1898.

Nos ultimos dez anos, os circulos catolicos, vedados aos soldados por circulares ministeriais, mas recomendados pelos oficiais, *que neles se dignam fazer cursos militares*, realizaram enormes progressos.

A obra salutar dos «Foyers du Soldat», — suspeita ao comando por causa das suas origens republicanas, — quasi não existe ao lado dos inumeros patronatos aos quais é atraido o soldado pelos meios conhecidos por todos.

Ali se faz lenta e seguramente o recrutamento, assim como a educação das futuras tropas devotas.

Por isso o clero que, desde a separação, apesar dos erros pontificais, soube adquirir força e riqueza, espera, dados os resultados já obtidos, tirar grande partido duma demora da juventude nas fileiras por três anos.

Primeiramente, está seguro de poder provar a sua influência alcançando para os seus protegidos favores tanto mais apreciaveis quanto mais penoso for o dever militar. Excelente *réclame*.

Dos soldados mais amaciados pela disciplina militar, por mais tempo recolhidos e catequizados pelos padres nas horas de ocio, colocados, à saída do regimento, graças à protecção duma associação confissional, conta êle fabricar comerciantes respeitosos das santas ameaças de boicotagem, rendeiros que não sejam rivais do castelão na *mairie*, funcionarios inimigos do Estado leigo.

Espera sobretudo arregimentar inumeros recrutas para os patronatos de Nossa Senhora da Oficina, para a União catolica dos Ferro-viarios e para os Sindicatos de empregados bem-pensantes, em quanto não vem a Associação dos pais de familia e o Conselho paroquial.

A lei dos três anos dará sem dúvida alguma, nesta obra de largo fôlego, mais importante rendimento do que o serviço de dois anos.

E isto não pode desagradar á alta burguesia industrial. Eis porque esta se mostra favoravel a uma lei que reduz a mão de obra, mas que, indirectamente, lhe preparará um pessoal carneiresco, no qual a docilidade terá substituido o espírito de iniciativa e a inteligencia exigente dos independentes.

Deste modo, realizar-se-á uma reacção social, graças à cumplicidade das três ordens que retardam na saudade do passada: militarismo, clero, capital.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Liga dos Trabalhadores em Madeira — Esta Liga, que ha bastante tempo, se achava encostada, vai recomeçar a sua actividade, auxiliada pelo Sindicato O. de O. Varios.

Na ultima reunião deste Sindicato foi nomeada uma comissão de trabalhadores em maneira, que já iniciou os seus trabalhos para a reorganização do sindicato.

Está sendo dirigida uma circular a todos os antigos socios e um convite á classe em geral para a grande assembleia extraordinaria que será realizada na sexta-feira, 2 de maio, ás 7 horas da noite, na rua da Carmo, 36 (moderno).

Pedreiros — O Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes reunir-se-á em assembleia geral na segunda-feira proxima, 5 do corrente, na séde social, rua do Carmo, 36 (moderno).

Sindicato O. de Oficios Varios — Na proxima terça-feira, 6 de maio, ás 7 horas da noite, realizará este sindicato uma assembleia extraordinaria para tratar de assuntos de grande importancia para a organização operaria.

Pede o comparecimento de todos os socios. Séde social: rua do Carmo, 36 (moderno).

Graficos — A União Grafica realiza uma assembleia geral no sabado, 3 do corrente, ás 5 horas da tarde, em sua séde social, á rua Riachuelo, 43.

A comissão administrativa pede o comparecimento de todos os associados, mormente daqueles que estão mais capacitados dos fins da associação.

Greve de tecelões — Ainda continuam em greve os operarios da fabrica de tecidos de Nemi Jafet, do Ipiranga, mostrando-se todos bem dispostos a só voltarem ao trabalho quando forem atendidos nas suas reclamações, que são as seguintes:

Aumento de 20 % nos seus salarios;

Redução do horario de trabalho de 11 para 10 horas;

Semana ingleza, isto é, que o trabalho aos sabados termine ao meio-dia.

Como o patrão anda a dizer por meio da imprensa de balcão que os operarios em greve não teem razão, pois estavam em boas condições e declararam a greve por instigação dos *agitadores de profissão*, damos aqui abaixo informações exactas da sua situação.

Eis o que pudemos colher:

Secção de caldas: salario de 3$ a 3$500;

Secção de batedores: salario de 3$ a 3$500;

Secção de fiação: trabalho feito por crianças, salario de 600 réis a 1$200;

Secção de tecelagem: salario maximo, 120$000;

Secção do massoqueira: trabalho feito por mulheres, salario de 70$ a 80$ por mez;

Secção de estamparia: salario de 2$800 a 3$000;

Sala do pano: trabalho feito por mulheres, salario de 1$500 a 2$000;

E para ganhar esses irrisorios salarios deviam trabalhar 11 horas, tanto na turma do dia como na da noite!

No trabalho da noite, que logicamente deve ser melhor pago, na fabrica em questão era ainda menos remunerado, conseguindo os operarios, por certas particularidades do trabalho, ganhar menos que no serviço diurno!

E os salarios acima indicados não eram os que recebiam os operarios, pois ainda ha que deduzir deles as multas constantemente aplicadas. Por qualquer insignificancia eram os operarios roubados nos seus já miserrimos salarios. Uns poucos de fios fóra do tear ou algumas palavras trocadas com um companheiro valiam multas de 2$ e 3$000!

Ainda ha mais uma ladroeira de que eram vitimas os operarios. A limpeza dos teares é feita com um espanador, que o tecelão era obrigado a comprar, a 1$ cada um, na propria fabrica. E num mez chegavam a estragar dois!

Junte-se a toda esta abundancia, os maus tratos aplicados aos pequenos, constantemente espancados pelos mestres e contra-mestres e teremos uma ideia aproximada da vida regalada dos operarios da fabrica de Nemi Jafet.

No pessoal, num total aproximado de 600 pessoas, contam-se para mais de 200 mulheres e quasi 100 menores!

O' lá, senhores aí da grande imprensa, vinde agora dizer que os operarios fazem greve porque a isso são instigados.

E dizem por aí que os operarios agora em greve eram os mais bem pagos de S. Paulo. Calculem em que condições não se encontrarão os das demais fabricas!...

Outra greve de tecelões — Na segunda-feira ultima, declarou-se uma outra greve de tecelões.

Os operarios da fabrica de tecidos de Simão Boys abandonaram o trabalho nesse dia reclamando um aumento de salarios e a diminuição de 11 para 10 horas no horario de trabalho.

Ha completa solidariedade entre os operarios.

Esta fabrica está situada no Belemzinho.

Um filantropo

Parece-me ver ainda o barão Gousselard sentado á mesa do canto, na "Maison Dorée". O recanto põe o freguez ao abrigo da corrente de ar, ao abrir-se a porta, e evita-lhe as cotoveladas dos criados.

O barão tem quarenta e cinco anos; começa a ganhar barriga. Suiças espessas, tingidas por um barbeiro habil, dão lhe ao rosto cheio vulgar um ar de satisfação. Acaba um prato de camarões vermelhos e pede outra porção.

Um vizinho, das relações do barão. — Vejo, meu caro Gousselard, que gosta de camarões.

O barão. — O que me guia em todos os actos da minha vida é o desejo de *aliviar o infortunio*. Tenho duzentos mil francos de rendimento e consagro-os ao bem-estar dos deserdados deste mundo. Quatro francos por uns dez camarões, é um pouco caro; mas penso nessas desgraçadas mulheres de pescadores, metidas em agua até á cinta, de verão e de inverno. São quasi todas carregadas de familia. Que seria delas, se não lhes fosse garantido o trabalho por generosos consumidores?

O vizinho. — Tem razão. A gente deve saber sacrificar-se.

O despenseiro. — Que vinho deseja o sr. barão?

O barão. — La Tour-Blanche com o peixe, depois Chateau-Margaux.

O despenseiro. — 76?

O barão. — Como de costume.

O vizinho, sorrindo. — Vinte francos a garrafa...

O barão. — Os viticultores foram tão prejudicados pelo filoxera!... E' um dever ajuda-los... O vinho ordinario, todos bebem dele, é o que tem mais facil saída. Eis porque me comovem as miserias dos produtores dos vinhos finos.

O criado. — E depois da solha?

O barão. — Perdiz com trufas... Uma perdiz que não tenha sido morta a tiro. O chumbo estraga a caça; a parte ferida tem ás vezes cheiro. E depois, é preciso dar de comer a esses pobres caçadores furtivos, que não podem tirar licença de caça, coitados. Esses infelizes moram em cabanas, em choças, e visto que passam noites a procurar caça, é justo que lhes seja tido em conta tão duro trabalho.

O vizinho. — Que coração tem, barão!

O barão. — Sou assim. Nada confiar ao acaso, levar os pobres a tomar parte numa abastança de que eu coraria, se eu não tivesse como preocupação constante fazer com que o paiz tire dela proveito.

O moço de recados do restaurante. — Sr. barão, aqui está o camarote de boca.

O vizinho. — Vai então ao teatro?

O barão. — Os empresarios não teem tido sorte nestes ultimos tempos. O café-concerto dá cabo do teatro onde não se pode fumar. Eis porque considero um dever ajudar os nossos primeiros teatros.

O vizinho. — Decerto o barão não estará só no seu camarote?...

O barão. — Espero Fanny, que esta noite não representa...

O vizinho. — Li nos jornais que ela tinha um contrato para S. Petersburgo.

O barão. — Sim, para o teatro Michel. Fui eu quem a lançou. Dentro de dois ou três anos, estará rica.

O vizinho. — Parece que o barão a vê ir sem saudades...

O barão. — Pudera! A coisa já dura ha muito tempo... Mas não lhe abandonarei a familia. Fanny tem uma irmã que vai fazer dezasseis anos: é ela que eu vou ligar á minha pessoa, e assim aquela boa mulher, que é a mãe das duas, nada perderá.

O vizinho. — Decididamente, o barão é um dos bem-feitores da humanidade.

O barão, com modestia. — Como vê, a minha riqueza é de todos!...

Aureliano Scholl.

Secção amena

Gritava um prégador, num lance dum sermão:

— E quereis saber, amados ouvintes, o que fez Sansão? Deitou mão a uma queixada de burro, e correu os filisteus ao fio da espada.

Contemplando o céu:

— O' Manuel, ha luas novas e velhas?

— Ha, sim.

— O que é que Deus faz das velhas?

— Ora, essa é boa! guarda para fazer as estrelinhas!

Num exame da roça:

— Quantos eram os doze apostolos de Jesus?

— Eram quatro, sim senhor.

— Quais eram eles?

— Sant'Ana e Santa Maria.

Greve de colonos

Os colonos de diversas fazendas de Ribeirão Preto declararam-se em greve reclamando um aumento de salario.

A pressa com que compilamos este numero não nos permite entrar em mais detalhes.

Os colonos estão firmes apesar de todas as ameaças e violencias de que são alvo.

A imprensa local, ao serviço dos fazendeiros, tem dito as maiores infamias sobre este justissimo movimento. A policia tem feito prisões. Os fazendeiros fecharam os armazens das fazendas e ameaçam o desalojo das casas das fazendas.

Quanta infamia!

VASQUEZ GOMEZ

Este dedicado propagandista do livre pensamento encontra-se ha dias em Campinas, devendo realizar ali algumas conferencias.

Hoje deverá embarcar para Bragança, onde realizará, á noite, uma conferencia sobre o tema — *O actual momento ideologico.*

Vasquez Gomez visitará ainda outras cidades do interior antes de partir para o Rio.

VOMITADURAS BATISTAS

SUMARIO: — *Opinião teologisante e dogmatica duma escrevinhadera batista, acêrca dos que não temem a Deus. — Segundo a teoria da papa batista, nem Lutero nem Calvino temiam a Deus! — Plagios readitados. — Refutação.*

Na minha longa série de artigos, publicados no *Fluminense*, de Niteroi, sob o titulo de «Erros cronologicos e falsificações historicas» e 14 dos quais, graças... ao Diabo, já viram a luz da publicidade, nessa série de artigos, repito, já incluí a sra. Archiminia Barreto no ról dos falsificadores da Historia e dos caluniadores protestantes. Resta-me agora julga-la como teologa e dogmatizadora pratica.

A sra. Aachiminia Barreto é professora jubilada e reside na Bahia. Em religião, segue a cartilha batista, uma das denominações em que está fragmentado o protestantismo. E' autora de um livro intitulado *Mythologia Dupla*, de que tenho a 1ª. edição, e ha muito tempo que colabora no *Jornal Batista*, do Rio, onde tem flagelado constantemente os «papistas e os espiritas».

Por minha parte, eu deixaria esta senhora em boa paz e companhia lá com os seus queridos irmãos batistas, como até agora tenho feito, mas ela excedeu-se um pouco tentando invadir, com suas legiões biblicas, o campo livre-pensador e eu me julgo pois no dever de repeli-la para além-fronteiras.

Em artigo para *O Jornal Batista*, do Rio de Janeiro, edição de 20 de março deste ano, e que tem por titulo «O temor de Deus» — (pag. 2), a sra. A. Barreto expende umas tantas opiniões ácerca dos não tementes a Deus, que bem merecem uns reparos. Com as eclesiasticas licenças de sua rvma., transcrevo, pois, o que segue:

— O temor de Deus é a base fundamental da verdadeira religião (Mas, das centenas que existem das mesmas, qual é a verdadeira, minha senhora?). Quem não teme a Deus, não teme o escandalo nem o castigo do crime: e quem assim procede é impio, é infame, é desgraçado. Só o homem degenerado não teme o seu Creador, e caminha pela estrada da vida como um louco que perdeu a razão e o conhecimento da sua existencia, tornando-se igual ás bestas selvagens que não teem entendimento...»

E a seguir, a sra. A. Barreto traz á baila a enorme bagagem biblica de capitulos e versiculos, que por economia de tempo e espaço aqui não reproduzo.

Todavia, apesar da minha falta de tempo e espaço para ocupar-me e reproduzir coisas biblicas, folgo imensamente em recordar á sra. A. Barreto, tão lida nos evangelhos, aquela passagem do capitulo XII, versiculo 34 de S. Mateus e que tão perfeitamente parece quadrar-lhe neste momento, que não posso resistir ao desejo de transcreve-la:

Raça de viboras, escribas, fariseus, hipocritas: como podeis falar boas coisas sendo maus? Pois a boca fala do que está cheio o coração.

Quando, pois, outra vez, a sra. Archiminia Barreto se ocupar dos que não temem a Deus, espero que não o fará tão descortezmente como o fez desta vez, tendo sempre em vista as evangelicas palavras que acima transcrevi e mais estas:

Eu vos digo, porém, que qualquer que se irar contra seu irmão e lhe disser: louco, será réu do fogo do inferno. (Mat., V — 22).

Por outro lado, se, como diz a *erudita* professora no mesmo artigo de que me venho ocupando, «Deus não constituiu a ninguem juiz ou vingador em seu nome», como é que a sra. Barreto tem a petulancia de arvorar-se em juiz e vingadora de Deus, tratando de impios, infames e degenerados aos que não o temem?...

Eis a sra. Archiminia Barreto em contradição consigo mesma, como essas pessimas biblias que por aí andam!

Ei-la fazendo ginastica para sair-se do apuro!

Segundo a teoria da sra. Barreto, se os que não temem a Deus são «impios, infames e degenerados e não temem por consequencia os castigos dos crimes», então, minha rvda. senhora, forçoso é confessar que os vossos veneraveis, porêm sanguinarios, ascendentes — Lutero, Calvino e demais tropilha huguenote, não

temiam, não acreditavam mesmo em Deus, visto que, conforme os ensinamentos da Historia, foram os tipos mais impios, infames e degenerados que o genero humano produziu!

E isso, a sra. Barreto, como objectou hipocritamente ao espirita sr. Americo Ribeiro, não póde desconhecer, porque quem se mostra tão sabida na historia do papismo, deve tambem ser versada na do protestantismo.

E então: Lutero e Calvino eram tementes a Deus? «Sim», respondem todos os historiadores protestantes, e com eles, forçosamente, a sra. Archiminia Barreto tambem. Mas, então, como se explicam os milhares de delitos, de crimes e infamias daqueles dois papas protestantes? Como explica a sra. Barreto tanta miseria, tanta degenerescencia moral e material de Calvino, tão temente a Deus quanto baixo de linguagem e carregado de molestias?

Ora, sra. Archiminia, tenha a bondade de medir as palavras antes de transmiti-las ao papel. V. rvma. labora num grave erro, acusando gratuitamente. Onde as provas da impiedade, da infamia ou degenerescencia de quem não teme ou não crê em Deus?

Destas tres coisas, v. rvma. é uma: — ou uma fanatica, que não admite discussões; ou uma rematada ignorante, que não conhece patavina em Historia; ou, finalmente — e isto creio ser o mais certo — uma refinadissima hipocrita, como os pastores, seus colegas, que quer impingir-nos «*gato por lebre*».

Ora, explique-se, reverendissima senhora: Era Lutero descrente? Não temia a Deus Calvino? Henrique VIII, não estava sempre pronunciando o nome de Deus? E Isabel, sua filha, não temia a Deus tambem? E Knoz, e Beze, e Farel, e Increasse Mather, e Cotton Mather, seu filho, não eram, pastores uns e reis outros, tementes todos a Deus? Entretanto, creio que v. rvma. me concederá dizer-lhe que Lutero foi um impio, aliando-se aos tiranetes da Alemanha para ordenar o morticinio dos proletarios do campo; que Calvino foi um infame, quando queimou Miguel Servet e outros milhares de entes humanos; que o sifilitico Henrique VIII era um criminoso degenerado, que mesmo podre em vida como estava, ordenára 72.000 suplicios, e assim por diante todos os papas do protestantismo.

Sra. Archiminia: argumente com provas historicas e não com duchas biblicas. porque a estas não lhes admito procedencia.

Diz a sra. Barreto que — «os filhos ingratos são cedo ou tarde desgraçados...; que a humanidade descende do pecado, em cujo cativeiro ficará eternamente se não tiver o temor de Deus...»

Isso de filhos ingratos e desgraçados, é um plagio da sra. Barreto, pessimamente reproduzido; uma lenga-lenga dos Daniel Hall e asseclas, mil vezes repetida e outras tantas achatada.

E quanto ao pecado, de quem a humanidade descende, isso não passa duma criação do interesse clerical para embaraçar os beocios e fazer-lhes pagar dizimos.

Eu não tenho nada com as clamações da sra. Barreto contra espiritas ou papistas; nada me incomodam nem me admiram as suas citações historicas ou biblicas que deponham contra Allan Kardec ou Alexandre VI, nada tenho que vêr com as suas citações dos Neros, da inquisição, das dragonadas, das vesperas cecilianas e da S. Bartolomeu, porque tudo isso me é tão familiar, quanto pouco ou nada me diz respeito. O que eu não posso tolerar são as vomitaduras batistas de qualquer fanatico ou fanatica impregnado de sciencia teologico-biblica, que venha sujar os modernos apostolos do progresso.

Fique, pois, sciente a sra. papisa Archiminia Barreto que não está tratando com espiritas, que tão resignada e evangelicamente se deixaram impunemente esfolar pelos arranhões de sua pena no *Jornal Batista*. Não, minha sra. papisa: comnosco não ha disso; nós, os livre-pensadores, dos quais sou uma particula, não tememos a vossa sagrada sciencia teologica e menos ainda os vossos *profundos* conhecimentos historicos; de maneira que muito direitinho e... bico calado com livre-pensadores ou mesmo ateus, porque do contrario, se se oferece outra ocasião, prometo-lhe que hei-de fazer a historia da biblia e do protestantismo em tal forma, que, estou certo de antemão, a reverenda não ha-de gostar, e nesse caso o melhor é ficar por aqui mesmo.

José Martins

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Liga Anticlerical do Rio.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Suissa

O PREÇO DO ENSINO RELIGIOSO — No cantão de Basileia, o ensino da religião na escola custa cêrca de 100 mil francos por ano, cifra esta baseada nos calculos da comissão oficial para o estudo da questão do ensino religioso nas escolas daquele cantão.

Os contribuintes suissos gastam anualmente 2.570.000 francos nas lições da religião!

Hungria

ATENTADOS — Em Nagyvararad, foi tirado ao pai e entregue a um tutor o filho de um funcionario, porque este não o deixava assistir ás lições de catecismo!

Em todos os gimnasios hungaros, os alunos, antes de fazer exame, teem que jurar nunca fazer parte da maçonaria, «condenada por S. S. o papa Leão XIII na sua enciclica *Humanum genis*».

Os lugares de director, professor ou prefeito são dados de preferencia aos padres jesuitas. Pouco valem o merecimento e os anos de serviço.

Ha pouco, o ministro da Instrução publica, o conde Barkoczy, chegou a declarar que o casamento civil não passa de um imoral concubinato. Depois desta declaração, alguns professores primarios, casados civilmente ha anos, tiveram a fraqueza de fazer consagrar pela Igreja a sua união.

Russia

UM GRANDE PROCESSO — Um jornal russo diz que o juiz de instrução Kalonsky acabara de terminar a instrução de um processo no qual cento e sessenta pessoas são acusadas de fazer parte da fracção revolucionaria do Partido Socialista Polaco. A instrução durou dois anos. Mais de sessenta acusados encontram-se presos ha dois anos e os restantes estão em liberdade sob caução. O processo já tem vinte e oito volumes.

A AMNISTIA — Realizaram-se as festas do tricentenario dos Romanoff, no meio das mais rigorosas e extraordinarias medidas policiais de precaução em torno da pessoa sagrada do tsar.

Vê-se que este não confia muito na eficacia apaziguadora da amnistia parcial por ele concedida e dos milhões distribuidos como esmola aos pobres, explorados e oprimidos.

Já aqui dissemos em que proporções se acumulam os presos nas cadeias e fortalezas russas: para cima de duzentos mil.

A amnistia concedida abrange os delitos de imprensa cometidos até 6 de março e autoriza a reintegração dos estudantes deportados por terem assistido a reuniões proibidas.

Os condenados á morte viram a sua pena comutada na de 20 anos de trabalhos forçados. Os russos que voluntariamente se expatriaram podem regressar ao paiz. São reduzidas as penas por infracções aos regulamentos de ordem publica e a duração da vigilancia policial dos suspeitos.

A amnistia só é total para os delitos de lesa-majestade e de imprensa, prisões administrativas e desordens de estudantes. Quanto aos delitos politicos, a amnistia é parcial, havendo redução segundo a gravidade do caso.

O tsar é incapaz de um largo e despreocupado gesto de generosidade.

O MOVIMENTO OPERARIO — Após a depressão sofrida com o esmagamento da revolução, depressão que atingiu o ponto mais baixo em 1910, acentua-se o movimento ascensional revolucionario, sindical e grevista. Entretanto, em virtude do grande desenvolvimento industrial dos ultimos tempos, em virtude da formação dum forte proletariado industrial, talvez tenha passado a ocasião para uma transformação revolucionaria puramente politica. Parece que a evolução social russa terá bastantes analogias com a germanica.

Em 1910 houve 222 greves com 46.000 operarios; em 1911, 466 greves com 105.000 grevistas; em 1912, 1.918 greves, 683.000 grevistas.

64 % das greves, com 75 % dos grevistas, foram politicas ou de solidariedade (contra os morticinios do Lena, as do 1.º de maio, etc.) Em 1910, havia 8 greves de caracter politico, com 4.000 grevistas; em 1911, 24 com 8.000 operarios, em 1912, 216 com 511.000.

Aumentou igualmente o numero das greves economicas: em 1910, foram 214 com 42.000 grevistas; em 1911, 442 com 97.000; e em 1912, 702 com 172.000. Destas greves, 8 % tiveram por fim um aumento de salario; 3 % foram contra o aumento de horas de trabalho. Cêrca de 10 % terminaram com a vitoria total dos operarios e mais de 30 % com uma parcial. 40 % das greves não duraram mais de 3 dias.

O numero total dos dias de greve foi de cêrca de 2 milhões.

Apesar dos sacrificios, sempre necessarios, as greves são uteis mesmo derrotadas; e os operarios não teem senão este e outros meios de acção directa para fazer valer os seus direitos e respeitar a sua dignidade.

Belgica

O CUSTO DAS ESCOLAS CLERICAIS — Segundo uma informação oficial, o Estado, as provincias e as comunas gastaram, em 1910, com os subsidios ás escolas congreganistas e episcopais, 12.033.239 francos.

Para o exercicio de 1913, calculava-se uma despesa de 15 milhões de francos, sem contar a parte do ensino congreganista nos gastos gerais de direcção, administração e inspecção do ensino, que orçam, quanto a essa parte, por cêrca de um milhão de francos.

SINDICALISTAS E CLERICAIS — Em Mans realizou-se uma reunião presidida pelo bispo, á qual assistiu o sr. Zirnhel, presidente do Sindicato dos Empregados de Paris. Essa reunião, organizada pelos membros de quatro sindicatos catolicos, tinha por fim a constituição de uma União baseada sobre um programa de caridade e de justiça, com a *entente* entre as diversas classes.

Decidiu-se a creação de uma casa comum, a qual organizará, a começar no mez de maio, todos os serviços garantidos pela Bolsa de Trabalho.

Os sindicalistas «vermelhos», perante esse movimento reaccionario, resolveram protestar, iniciando uma campanha energica contra essa acção perniciosa dos catolicos, que procuram arrastar os trabalhadores.

ESPANHA

PELO ENSINO LEIGO

Prossegue a campanha em favor da neutralidade da escola publica em materia religiosa.

Os elementos clericais, especialmente por meio das damas e aristocratas pias, fazem resistencia á abolição do ensino do catecismo catolico nas escolas primarias, opondo-se aos seus estorços os elementos liberais, promotores duma agitação popular por todo o paiz.

O governo, esse, como todos os governos, não quer desagradar muito nem a uns nem a outros; e em quanto faz apregoar fora da Espanha o seu liberalismo, sobretudo para facilitar a viagem regia a Paris, dentro consente que os clericais da côrte façam pressão para obter a condenação infame do dr. Queraltó!

Pelas publicações

Album Popular Brazileiro para 1913 — Bahia — Direcção de Afonso Costa — Edição de Magalhães & Muniz, do Porto.

O *Album Popular Brazileiro* é a mesma publicação que há tres anos, sob a mesma direcção do infatigavel e ilustre escritor Afonso Costa, encetou publicação na capital da Bahia, com a denominação de *Almanaque Popular Bahiano*. Mudou o titulo o ano passado, com o que alargou mais a sua esfera de acção, e agora se nos apresenta, no seu terceiro volume, em caprichada edição de Magalhães & Muniz, do Porto, com o que consideravelmente ganhou na sua parte estetica.

Tornou-se pois o *Album* uma das primeiras publicações, no genero, do nosso paiz. Contém uma colaboração esmerada em prosa e verso, charadas, anecdotas, de tudo enfim que pode conter um almanaque.

A sua organização honra ao talento e ao esforço de Afonso Costa.

A direcção do *Album Popular Brazileiro* é: — Rua de S. Francisco, 28, Bahia.

Na nossa redacção encontram-se á venda alguns exemplares do *Album*, ao preço de 2.000 réis.

Terra Livre—Semanario anarquista — Direcção de Pinto Quartim — Lisboa, Portugal.

Temos recebido todas as semanas com pontualidade esta bela publicação libertaria de propaganda, que iniciou a sua carreira ha pouco tempo na capital de Portugal, sob a direcção de Pinto Quartim, redacção de Neno Vasco, Carlos Rates e Sobral de Campos e com a colaboração efectiva de Adolfo Lima, Afonso Manaças, Araujo Pereira, Aurelio Quintanilha, Bel-Adan, Campos Lima, Clemente Vieira dos Santos, Emilio Costa, Gaspar dos Santos, Humberto de Avelar, Ismael Pimentel, José Bacelar, José Benedy, José Carlos de Souza, Manoel Ribeiro, Edmundo de Oliveira e outros.

Sómente os nomes do corpo redactorial e de colaboradores da *Terra Livre*, quasi todos eles bastantemente conhecidos como habeis batalhadores da propaganda, seriam suficientes para do seu valor darmos uma ideia. Mas, além disso, a *Terra Livre* é esmeradamente feita tambem na sua feição material, bem cuidada e simpatica. Tem o util unido ao agradavel.

Não sómente aos camaradas, a todos que se dedicam ao estudo da questão social, recomendamos a leitura da *Terra Livre*, que é, incontestavelmente, no genero, em lingua portuguesa, uma das primeiras publicações, senão a primeira. Os velhos camaradas nela encontrarão, a par de poesias e contos escolhidos, todas as questões sociais desenvolvidas pelas penas mais proficientes; os camaradas novéis nas ideias encontrarão farta messe de doutrinarismo libertario, que lhes robusteçam as convicções.

Nenhum dos nossos companheiros deve deixar portanto de ler a *Terra Livre*, ler e coleccionar, porque a sua colecção, de formato agradavel, ha-de constituir sempre um optimo repositorio de consultas e de distração.

A *Terra Livre*, cujo endereço é rua das Gaveas, 55, 1.º, Lisboa, envia gratis um exemplar de amostra a quem o solicitar.

Encontra-se tambem á venda em nossa redacção, ao preço de 100 réis o numero. Pelo correio, mais o selo do porte.

Para o Brasil o preço da assinatura anual é de 4$800.

Os clichés da "Lanterna"

Resolvemos vender todos os clichés já publicados pela *Lanterna* e que podem ser aproveitados para almanaques, revistas, jornais, avulsos, etc.

Preços, livres do porte e do registo do correio: de 3 colunas, 3$000; de 2, 2$000.

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias e da indicação dos ns. em que foram publicados.

FOLHETIM DA LANTERNA (44)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

TERCEIRA PARTE

Os misterios da Inquisição

II

A FIRMA

Mas o padre, com um olhar de louco, indiferente ao perigo, quasi desejoso de morrer, lançou-se, logo seguido por soldados.

O pequeno quarto onde penetraram estava, porêm, vazio. Não havia porta nem janela. Nas paredes e no pavimento, cuidadosamente examinados, nada se encontrava. Deu-se então uma minuciosa busca ao castelo, em quanto o padre soluçava e... rezava, pela primeira vez, pedindo a Deus a morte de João, marido de Flor de Maio!

De madrugada, de Belleval propôs que se incediasse o castelo.

— E' inutil, disse Jarnac. Os homens já não estão no castelo.

— Tens algum indicio? perguntou o padre, ansioso. Fala! Terás a tua fortuna feita...

— Talvez, disse o sicario, sorrindo.

E quando todos voltaram para Abbeville, foi ele o unico que se deixou ficar para trás.

III

OS FUGITIVOS

Quando os habitantes e visitantes do castelo, tendo-se servido dum meio de fuga tão frequente na epoca e tão usado nos castelos daquele tempo, se acharam todos no pequeno quarto secreto, o visconde exclamou:

— Temos meia hora, antes que consigam derrubar a parede.

Foram em seguida rapidamente pensadas as feridas ligeiras — as unicas — de Estocada e de Maillefeu.

Depois, o visconde ajoelhou, enfiou a espada por uma fenda do pavimento e, quando ela parou, fez um esforço. Ouviu-se então um ruido seco, aluiu um pedaço do chão e ficou a descoberto uma especie de escotilha, com uma escada de pedra.

Quando todos desceram, o visconde fechou de novo o alçapão com um sistema de molas impossivel de despedaçar. Ao cabo de trinta degraus, encontraram um recinto circular e nova escada de trinta degraus. Esta ia dar a uma segunda casamata, ao fundo da qual havia uma porta de carvalho revestida de ferro. Esta porta, cuidadosamente cerrada depois de terem todos passado, fechava a entrada dum tunel, que desembocava, ao cabo de vinte minutos de marcha ás escuras, numa sala subterranea.

Chegados aqui os fugitivos, d'Etallondes acendeu archotes depostos sobre uma mesa, ao centro do recinto, e viu-se então que aquele lugar de refugio estava convenientemente preparado para longa demora.

Havia uma duzia de cadeiras, poltronas, sofás, uma biblioteca, archotes para oito dias, um armario com louça, copos, cincoenta garrafas de vinho e provisões de boca, sobretudo empadas e presuntos. A um lado, um gabinete reservado para *toilete*. No teto, habilmente disfarçado e disposto, um respiradouro.

— Ha pouco renovei as provizão esxclamou alegremente d'Etallondes. Pão é que não ha. Paciencia! Peço desculpa de vos receber em tão modesta morada.

A alegria do visconde desanuviou todos os rostos. Só Germana soluçava a um canto.

— Porque chorais? perguntou-lhe com suavidade Flor de Maio.

— O meu Gil ficou no pavilhão!

D'Etallondes tratou de a tranquilizar. Os soldados decerto não iriam ao pavilhão, e se lá fossem não ousariam atacar uma criança adormecida. Do seu lado, Germano prometia ir ao pavilhão logo que pudesse.

Comeram e prepararam-se para dormir. Entre os homens combinou-se, porêm, que Estocada, o visconde e Germano voltassem ao castelo em exploração, indo o primeiro á frente com um archote. Mas, em vez de percorrerem de novo, em sentido inverso, o caminho já seguido, os três continuaram o subterraneo, que terminava numa casa de campo solitaria e deserta.

Fechada cuidadosamente o alçapão por onde sairam para a adega da casa abandonada, os três partiram para o castelo, parando na orla dum pequeno bosque, donde se via perfeitamente o edificio, percorrido por muitas luzes.

— Andam a procurar, murmurou d'Etallondes.

— Ah! disse de subito Estocada. Que é feito de Germano?

Esperaram algum tempo com certa inquietação e iam fazer investigações, quando Germano reapareceu com o filho embrulhado numa manta. Conseguira atacar de improviso e atordoar com um murro formidavel o soldado de guarda a uma pequena porta, fôra ao pavilhão e trouxera o pequeno Gil.

— Ide tranquilizar a pobre mãe, disse-lhe d'Etallondes.

Este e Estocada ficaram sós, vigiando e rodeando o castelo. Ao amanhecer viram pôr-se a caminho os assaltantes. Meia hora depois, penetraram no castelo, verificaram que estava deserto e foram juntar-se aos amigos.

— O castelo está livre!

— Respeitaram a berlinda e os cavalos? perguntou Salverio.

— Felizmente.

— Então executemos já o nosso programa de ontem.

— Não será melhor esperar a noite?

— E se eles voltam? Não, não; é preciso chegar já a S. Valerio!

Assim se decidiu, tomando-se as seguintes disposições:

Germano, sua mulher e seu filho, bem providos de dinheiro, acompanhados de Madalena, alugaram a uns aldeãos um pequeno coche e chegaram no mesmo dia a uma propriedade da senhora de Villancourt, algumas leguas a oeste de Abbeville, não sendo provavel que a justiça lá fosse fazer buscas.

Parmentier foi a cavalo para Paris.

Quanto á senhora de Villancourt, foi conduzida na berlinda, guiada pelo marquez de Maillefeu, para casa da mãe deste, a meio caminho entre Abbeville e Amiens.

A' uma da tarde, voltou a berlinda tendo o marquez como cocheiro. Substituidos os cavalos, instalaram-se na carruagem Flor de Maio e o Cavaleiro de La Barre, subindo Estocada para a boleia. Adiante partiu d'Etallondes como batedor; depois pôs-se em marcha a berlinda, escoltada por Salverio, de Maillefeu e Cabeça de Ferro, cavalgando este ultimo a cem passos á retaguarda.

IV

DE ATALAIA

Jarnac não acompanhara os assaltantes no seu regresso a Abbeville. Quanto ao conde de Belleval, chegou até meio do caminho, mas ali disse a Gerfaut:

— Volto para trás.. Talvez descubra alguma coisa explorando as vizinhanças.

— Ide, pois... e Deus vos acompanhe, pois trabalhais para bem da religião.

O juiz aprovou ostensivamente; mas o conde, quando voltou costas, teve um sorriso ironico. Uma hora depois estava perto do castelo e parava para inspecionar o lugar, pensando em Jarnac, cuja falta notara. Depois continuou a marcha, sendo porêm detido, a duzentos passos da grade, pelo sicario profissional, que lhe disse:

— Apeai-vos depressa! Quem sabe se não vos viram já!

Em quanto escondia, ao lado do seu, o cavalo do conde, Jarnac referiu a este tudo o que observara. Do seu magnifico ponto de observação vira partir uma traquitana com duas mulheres desconhecidas, uma criança e um homem. Depois vira partir a cavalo o cirurgião Parmentier.

O conde lembrou a conveniencia de ir buscar gente armada; mas Jarnac dissuadiu-o disso: não era ali que os fugitivos podiam ser apanhados vivos; e depois ele queria ter todas as honras da captura...

— Bem sei, exclamou o conde com desdem: é por causa da paga.

— E' como dizeis, sr. conde. Vós, que sois rico, trabalhais por amor á arte e á religião...

Neste momento, produziu-se certa agitação no pateo do castelo. Era a senhora de Villancourt que partia na berlinda, guiada pelo marquez. A carruagem passou a três passos dos dois espiões escondidos. Depois houve um longo intervalo, que os inquietou. De Belleval propôs que entrassem no castelo, mas Jarnac opinou que só o poderiam fazer de noite.

Por fim, viram voltar a berlinda e viram-na pôr-se novamente a caminho, ocupada e escoltada. Montaram então a cavalo e seguiram-na a certa distancia, para ver o caminho tomado. Ao cabo de meia hora de galope, Jarnac deteve-se de repente.

— Que fazeis? exclamou o conde. Assim vamos perde-los de vista!

— Não importa. Já sei para onde vão.

— Como assim?

— A' nossa direita temos a estrada de Bolonha... Não sabiamos até aqui por onde tomariam; mas agora o caminho vai direito ao mar. E' pois para S. Valerio que eles se dirigem.

— Para S. Valerio?

— Evidentemente! Dali passarão para Inglaterra, sem duvida alguma.

— Escapam-nos!

— Quem sabe? Sr. conde: voltai a Abbeville á desfilada, preveni o sr. Gerfaut e tornai com gente para S. Valerio. Rebentai cavalos, se necessario for; mas chegai ali antes da noite...

— E vós?

— Eu já não os deixo!

O conde partiu á redea solta, ao passo que Jarnac, recuperando num galope desenfreado o caminho perdido, continuou a seguir os fugitivos.

V

OUTRO MILAGRE

Estocada encerrara numa sala do rés-do-chão do castelo, com janela gradeada para as traseiras, os seus dois frades prisioneiros, deixando-os ali com dois cestos bem cheios de provisões e garrafas de vinho e prometendo-lhes a liberdade dentro de 48 horas, se tivessem juizo. *(Continúa).*